A PRÁTICA NA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA NA PRÁTICA

Maria de Fátima Almeida Martins*
William Rosa Alves**

"O sertão é o terreno da eternidade, da solidão, onde o interior e o exterior já não podem ser separados" (Guimarães Rosa)

Foi com esta temática que o 4° Encontro Estadual de Geografia de Minas Gerais, realizado em Belo Horizonte, em julho de 2001, abriu o debate sobre a relação entre prática e pensamento, compreendendo aquela como o fazer mediado por alguma forma deste. A insistência na importância e na premência de tal discussão permitiu que o necessário e desejável debate em torno das práticas e pensamentos que concernem ao conhecimento do mundo propiciado pela geografia fossem ampliados e debatidos para além de uma geografia fechada em si mesma.

Até que ponto os interesses que suscitaram o que vem sendo chamado de "valorização da geografia" não encerra a própria geografia nos liames formais (e conformistas)? Como trazer à discussão uma formação de professores que aprisiona o ensino de Geografia à sala de aula e à escola circunscrita a um didatismo? Como lidar com uma adesão à mercantilização do conhecimento como demanda do circuito prevalecente no mundo da mercadoria, via turismo? E ainda, como enfrentar uma formatação limitada à dimensão operacional e técnica, visa nas atividades identificadas como "educação ambiental" "geoprocessamento" "ecoturismo" etc.?

Foi com esta perspectiva que o evento foi organizado com os eixos temáticos *Ensino e Pesquisa em Geografia* e a *Reprodução Social e a Produção do Espaço*, que se iniciaram por meio da construção das ementas das atividades, ou seja, o diálogo se configurou mesmo antes do encontro começar. Os coordenadores das mesas redondas e os proponentes dos minicursos trouxeram desde indagações até incursões incisivas na (re)elaboração da própria reflexão sobre a prática, desde a mesa redonda da abertura, com o título do próprio evento, até a última mesa (*A produção do espaço entre o público e o privado*) e mesmo a Plenária Final. Os eixos e subeixos não foram praticados como referências isoladas e especializadas a perder de vista, mas sim realizados como formas parti-

*Doutoranda em Geografia USP
**Departamento de Geografia - UFMG; AGB BH

culares que qualificam e enriquecem o processo rumo à possibilidade de um conhecimento que se faz íntegro não só pelo discurso pretensamente coerente, mas pela prática (re)conhecida.

Outrossim, a estrutura do encontro, que teve a presença de 150 participantes, procurou dinamizar a relação entre as discussões propiciadas pelas doze mesas redondas e os conteúdos trazidos e desenvolvidos nos seis minicursos pelos proponentes e aqueles que se inscreveram com trabalhos. Dinamização esta que ocorreu inclusive com os convidados que foram (vieram) para atividades específicas e se envolveram no corpo do evento. Atividades culturais, como contação de histórias, teatro de bonecos, festa e mesmo o encontro das pessoas sem forma prefigurada (sobretudo os inscritos e convidados "de fora" no sentido Roseano), suscitaram pensar a Geografia para além de si mesma. Demais, o vídeo-debate (com o filme *Cinema Paradiso*) e o trabalho de campo na metrópole Belo Horizonte (este como oportunidade de relação teórico-prática com o empírico), mesmo ocorrendo ao final do evento e com o objetivo de "fechar" das atividades, foram tornadas uma (re)abertura de reflexões sobre o conhecimento do espaço.

Enfim, o Encontro provocou a discussão do conhecimento tido como geográfico (feito e por fazer) na relação com as práticas que vêm sendo circunscritas nas diversas formas demandadas pela sociedade produtora de mercadorias. Fica o reconhecimento da necessidade (que permanece) de diferenciar as dimensões do conhecimento sobre e como prática, vale dizer, que ao repensar o mundo, considerando o empírico, que se faça com e por meio do âmbito teórico e epistemológico e que se observe que operar não é conhecer senão como o primeiro passo somente. Jamais o último.